

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## O desemprego de massa [Mass unemployment]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Virno, Paolo
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-10 08:48:42
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/163368">http://hdl.handle.net/20.500.12424/163368</a>

hostilidade do mundo circunstante. E se se acredita que a campanha e a agricultura devem desenvolver um papel de primeira grandeza na construção de uma sociedade emancipada, então o Brasil será uma terra eleita para uma tal construção.

## O DESEMPREGO DE MASSA

### O DIREITO À VIDA NÃO PASSA MAIS PELO TRABALHO ASSALARIADO

#### Entrevista com Paolo Virno

*Entrevistamos por e-mail o filósofo Paolo Virno, militante nos anos 70 na autonomia operária. Atualmente, Virno é professor na Universidade da Calábria (Itália). Esteve preso durante três anos, processado com Antonio Negri, acusado de pertencer a uma organização terrorista. Foi absolvido. IHU On-Line publicou a resenha de dois livros seus (**Gramática de la Multitud**, Buenos Aires: Colihue, 2003; e **El Recuerdo del presente**, Buenos Aires: Paidós, 2003) na 71ª edição, de 18 de agosto de 2003.*

#### **IHU On-Line - O que significa estar na era do desencanto? De que maneira o trabalho e o desemprego contribuem para essa era?**

**Paolo Virno:** Quais são os principais requisitos requeridos aos trabalhadores hoje? Que sejam capazes de mudar rapidamente, prontamente se adaptando a novas regras, que sejam capazes de acompanharem as mais bruscas reconversões produtivas, que renunciem a qualquer tradição estável. Atenção, esses requisitos não são o fruto do disciplinamento industrial, mas, antes, o resultado de uma socialização que tem o seu baricentro fora do trabalho, modelada pela mudança repentina de usos e costumes, pela permanente mudança das formas de vida. Pode-se fazer a hipótese que a “profissionalidade” efetivamente requerida no novo lugar de trabalho consiste precisamente nos dotes que se adquirem durante uma prolongada permanência num estágio pré-laborativo ou precário. Na espera de um trabalho, aqueles talentos genericamente sociais são desenvolvidos como também o hábito de não contrair hábitos duráveis que, uma vez adquiridos serão, uma vez encontrado o emprego, autênticas algemas. A atual organização do trabalho conta com aquela forma de subjetividade que, no passado, era definida como “nihilística”: uma subjetividade na qual predominam a incerteza das expectativas, variabilidade das colocações, identidades frágeis, desenraizamento, etc. Assim, a globalização faz com que o trabalho seja imbuído por sentimentos de desencanto: oportunismo, cinismo, medo.

#### **IHU On-Line - Vivemos numa sociedade que engendrou milhões de desempregados, além de condições muito precárias para aqueles que estão trabalhando. Que sinais de alternativas o senhor vê que buscam uma humanização do mundo do trabalho?**

**Paolo Virno:** Creio que estamos vivendo uma crise geral da sociedade do trabalho. Esta crise não coincide com uma contração linear do tempo de trabalho como acreditam Gorz e Rifkin. Consiste, mais precisamente, no fato de que, hoje, a riqueza social é produzida, sobretudo, pela ciência, pela informação, do saber em geral. Não mais, ou muito menos, pelo trabalho feito pelas pessoas singularmente. No entanto, este termo continua valendo como parâmetro do desenvolvimento e da distribuição da renda. O tempo de trabalho é a unidade de medida vigente, mas não mais verdadeira. Poderíamos dizer o seguinte: a superação da sociedade do trabalho acontece cada vez mais nas formas prescritas do sistema social baseado sobre o trabalho assalariado. O tempo em excesso, ou seja, uma potencial riqueza, se manifesta como miséria: desemprego estrutural (provocado pelos investimentos, não pela sua falta), ilimitada flexibilidade no emprego da força-trabalho, proliferação de hierarquias, etc.

A crise da sociedade do trabalho implica que *toda* a força-trabalho contemporânea pode ser descrita com as categorias com que Marx analisou o “exército industrial de reserva”, ou seja, o desemprego. Marx entendia que o “exército industrial de reserva” podia ser subdividido em três tipos: *fluido* (hoje o chamariamos de *turn-over*, aposentadorias antecipadas, etc), *latente* (lá onde, a qualquer momento pode ser introduzida uma inovação tecnológica que dispensa o emprego), *estagnada* (nos termos atuais: trabalho precário, atípico, etc.) E hoje, fluida, latente ou estagnada é a classe operária empregada enquanto tal. Não há mais nenhuma linha divisória entre trabalho e não-trabalho.

**IHU On-Line - No Brasil, o presidente Lula prometeu, na campanha eleitoral, a criação de 10 milhões de empregos, mas, no entanto, o desemprego aumenta mais que no governo anterior, que não era de esquerda. Até que ponto pode ser resolvido o problema do desemprego no estado-nação na época da globalização, por mais que se tenha um governo de esquerda?**

**Paolo Virno:** Tenho admiração por Lula. Mas não acredito que seja possível refazer etapas já passadas do desenvolvimento capitalista: não se pode, por exemplo, querer refazer a época do pleno emprego, ou seja, a época do fordismo e do keynesianismo. O que está em jogo, hoje, é o esgotamento do trabalho assalariado e não o seu aumento. O desemprego de massa coloca o problema do “direito à vida” que não passa mais pelo trabalho sob as ordens de um patrão, parcelado e repetitivo.

**IHU On-Line - Porque é importante entender o conceito de multidão para poder fazer uma leitura da sociedade contemporânea e que lugar tem o trabalho na sociedade dos “muitos”?**

**Paolo Virno:** As formas da vida contemporânea atestam a dissolução do conceito de “povo” e a renovada pertinência do conceito de “multidão”. Esses dois conceitos, que emergem como pedras angulares no grande debate a partir do século XVII, donde descende boa parte o nosso léxico ético-político, se colocam, hoje, como antípodas. O “povo” tem uma índole centrípeta, converge numa *volonté générale*, é a interface ou o reflexo do Estado; a multidão é plural, não se deixa abarcar pela unidade política, não estipula pactos nem transfere direitos ao soberano, recalitra em obedecer, se inclina por formas de democracia não representativa. Na multidão, Hobbes individuou a máxima insídia para o aparato estatal, (“os cidadãos, então se rebelam contra o Estado, são a multidão contra o povo”) e Spinoza viu nela a raiz da liberdade. Desde o século XVII, quase sem exceção, prevaleceu incondicionalmente o “povo”. A existência política dos muitos enquanto muitos foi expulsa do horizonte da modernidade: não somente pelos teóricos do Estado absoluto, mas também por Rousseau, pela tradição liberal, pelo próprio movimento socialista. Hoje, no entanto, as multidões retornam com força caracterizando todos os aspectos da vida associada: costumes e mentalidades do trabalho pós-fordista, paixões e afetos, modos de entender a ação coletiva. Quando se constata este retorno, é preciso evitar um mal-entendido. Não é que a classe operária se extinguiu para dar lugar aos “muitos”: pelo contrário, e o caso é bem mais complicado e interessante, os operários, permanecendo como tais, não têm mais a fisionomia do povo, mas exemplificam perfeitamente o modo de ser da multidão. Precários, desempregados, trabalhadores flexíveis: todos esses, me parece, podem ser concebidos como “muitos” irredutíveis a uma Unidade (partido, Estado, soberano). A multidão contemporânea é uma rede de singularidades. Cada um dos “muitos” se caracteriza por aquilo que ele tem de único e irrepetível na sua existência individual, mas, ao mesmo tempo, ele é correlato, intimamente, com os outros “muitos”. Neste sentido, me parece eficaz uma expressão de Marx: indivíduos sociais. Tanto mais “indivíduos”, quanto mais “sociais”.

**IHU On-Line - O que significa “necessitamos praticar uma desobediência radical”? Como o senhor a tem praticado em sua vida e que conseqüências isso lhe trouxe?**

**Paolo Virno:** A “desobediência civil” representa, talvez, a forma basilar de ação política da multidão. Contudo, porém, que ela seja emancipada da tradição liberal na qual foi encapsulada. Não se trata de não respeitar uma lei específica porque incoerente e contraditória com outras normas fundamentais, por exemplo, com a carta constitucional: em tal caso, de fato, a desobediência seria o testemunho de uma lealdade ainda mais profunda ao comando estatal. Ao contrário, trata-se de colocar em questão a própria faculdade de comandar do Estado, aquela obrigação de obedecer antes mesmo de saber que coisa nos será ordenado. Em outras palavras, é preciso estraçalhar aquele “monopólio da decisão política” que o Estado representa (a definição é de Carl Schmitt). A multidão é “antimonopolítica” e, precisamente por isso, desobediente. Quanto a mim, passei três anos na prisão, no início dos anos 1980, acusado de “associação subversiva”. Mas era um período diferente: mais que “desobediência radical” se tratava, então, de “revolução política”. Portanto, a desobediência toma o lugar da revolução, já que o problema não é a “tomada do poder”, mas a sua dissolução.

**IHU On-Line - Como imagina os próximos anos de nossas sociedades em relação com a sua organização política, a conquista da paz, o papel e o lugar que ocupará o trabalho?**

**Paolo Virno:** Espera-nos um terrível período de transição, semelhante, em muitos sentidos, ao do século XVII. Uma transição na qual serão construídas novas instituições internacionais e será refundada, por inteiro, a teoria política. O movimento global, a partir de Seattle, exprime muitas características do trabalho pós-fordista, porém, sem conseguir, no momento, incidir sobre as relações de força. É este o ponto crucial: que formas de luta e que modelos organizativos para o trabalho precário, intelectual e flexível?

**IHU On-Line - Poderia ou deveria a Universidade ser um lugar privilegiado para experimentar formas novas de organização social, para ler e entender a multidão, para apresentar novas definições do trabalho?**

**Paolo Virno:** Se é verdade que a ciência, a informação, o saber se tornaram a principal força produtiva é claro que as universidades são um centro nevrálgico de luta política. Elas constituem aquilo que Marx chamava o *general intellect*, o “intelecto geral” da sociedade. Mais que lugar privilegiado do pensamento crítico, as universidades representam um componente decisivo da moderna cooperação produtiva. Não se trata tanto de elaborar novas definições de trabalho, mas de se organizarem como o setor estratégico da “fábrica social”, como intelectualidade de massa diretamente produtiva.

## A REDUÇÃO DO TEMPO DE TRABALHO E A CULTURA DO TEMPO LIVRE

### Entrevista com André Langer

*André Langer é membro do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores, CEPAT, mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Unisinos, com dissertação intitulada **Pelo êxodo da sociedade salarial. A evolução do conceito de trabalho em André Gorz**<sup>7</sup>. IHU On-Line entrevistou André Langer por e-mail sobre a reivindicação da diminuição do tempo de trabalho. Sobre esse tema, Langer publicou um artigo no **Cepat***

<sup>7</sup> André Gorz é autor de muitos livros sobre o mundo do trabalho. Os dois últimos são: **Misères du présent. Richesse du possible**. Paris:Galilée, 1997 e **L’immatériel. Connaissance, valeur et capital**. Paris:Galilée, 2003. (Nota do IHU)